

O Céu e o inferno



Allan Kardec

**PARTE I – Doutrina
CAPÍTULO VIII – Os anjos**

Índice

Assunto	Origem	Pagina
1. Os anjos segundo a igreja	O Céu e o inferno	03
O Céu e o inferno	O Consolador	06
2. Refutação	O Céu e o inferno	08
Anjo guardião, um amigo de prontidão	O Consolador	11
3. Os anjos segundo o Espiritismo	O Céu e o inferno	14
Amigos a toda prova	O Consolador	15
Espíritos protetores	O Consolador	16

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo VIII)

Parte I – Doutrina

Capítulo VIII – Os anjos

I – Os anjos segundo a igreja

1. Todas as religiões têm tido anjos sob vários nomes, isto é, seres superiores à Humanidade, intermediários entre Deus e os homens. Negando toda a existência espiritual fora da vida orgânica, o materialismo naturalmente classificou os anjos entre as ficções e alegorias. A crença nos anjos é parte essencial dos dogmas da Igreja, que assim os define (1)

(1) 1 Extraímos este resumo da pastoral do Monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1864. Por ele podemos, pois, considerar os anjos, assim como os demônios, cujo resumo tiramos da mesma origem e citamos no capítulo seguinte, como última expressão do dogma da Igreja neste sentido.

2. “Acreditamos firmemente, diz um concílio geral e ecumênico (2), que só há um Deus verdadeiro, eterno e infinito, que no começo dos tempos tirou conjuntamente do nada as duas criaturas — espiritual e corpórea, angélica e mundana — tendo formado depois, como elo entre as duas, a natureza humana, composta de corpo e Espírito.” “Tal é, segundo a fé, o plano divino na obra da criação, plano majestoso e completo como convinha à eterna sabedoria. Assim concebido, ele oferece aos nossos pensamentos o ser em todos os seus graus e condições.” “Na esfera mais elevada aparecem a existência e a vida puramente espirituais; na última ordem, uma e outra puramente materiais e, intermediariamente, uma união maravilhosa das duas substâncias, uma vida ao mesmo tempo comum ao Espírito inteligente e ao corpo organizado.” “Nossa alma é de natureza simples e indivisível, porém limitada em suas faculdades. A idéia que temos da perfeição faz-nos compreender que pode haver outros seres simples quanto ela, e superiores por suas qualidades e privilégios.” “A alma é grande e nobre, porém, está associada à matéria, servida por órgãos frágeis e limitada no poder e na ação. Por que não haver outras ainda mais nobres, libertas dessa escravidão, dessas peias e dotadas de uma força e atividade maiores e incomparáveis? Antes que Deus houvesse colocado o homem na Terra, para conhecê-lo, servi-lo, e amá-lo, não teria já chamado outras criaturas, a fim de compor-lhe a corte celeste e adorá-lo no auge da glória?

(2) Concílio de Latrão.

Deus, enfim, recebe das mãos do homem os tributos de honra e homenagem deste universo: é, portanto, de admirar que receba das mãos dos anjos o incenso e as orações do homem? Se, pois, os anjos não existissem, a grande obra do Criador não patentearia o acabamento e a perfeição que lhe são peculiares; este mundo, que atesta a sua onipotência, não fora mais a obra-prima da sabedoria; nesse caso a nossa razão, posto que fraca, poderia conceber um Deus mais completo e consumado. Em cada página dos sagrados livros, do Velho como do Novo Testamentos, se fez menção dessas inteligências sublimes, já em piedosas invocações, já em referências históricas. A sua intervenção aparece manifestamente na vida dos patriarcas e dos profetas. Serve-se Deus de tal ministério, ora para transmitir a sua vontade, ora para anunciar futuros acontecimentos, e os anjos são também quase sempre órgãos de sua justiça e misericórdia. A sua presença ressalta das circunstâncias que acompanham o nascimento, a vida e a paixão do Salvador; a sua lembrança é inseparável da dos grandes homens, como dos fatos mais grandiosos da antiguidade religiosa. A crença nos anjos existe no seio mesmo do politeísmo e nas fábulas da mitologia, porque essa crença é tão universal e antiga quanto o mundo. O culto que os pagãos prestavam aos bons e maus gênios não era mais que falsa aplicação da verdade, um resto degenerado do primitivo dogma. As palavras do santo concílio de Latrão contêm fundamental distinção entre os anjos e os homens: — ensinam-nos que os primeiros são puros Espíritos, enquanto que os segundos se compõem de um corpo e de uma alma, isto é, que a natureza angélica subsiste por

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo VIII)

si mesma não só sem mistura como dissociada da matéria, por mais vaporosa e sutil que se suponha, ao passo que a nossa alma, igualmente espiritual, associa-se ao corpo de modo a formar com ele uma só pessoa, sendo tal e essencialmente o seu destino.” “Enquanto perdura tão íntima ligação de alma e corpo, as duas substâncias têm vida comum e se exercem recíproca influência; daí o não poder a alma libertar-se completamente das imperfeições de tal condição: as idéias chegam- -lhes pelos sentidos na comparação dos objetos externos e sempre debaixo de imagens mais ou menos aparentes. Eis por que a alma não pode contemplar-se a si mesma, nem conceber Deus e os anjos sem atribuir-lhes forma visível e palpável. O mesmo se dá quanto aos anjos, que para se manifestarem aos santos e profetas hão de revestir formas tangíveis e palpáveis. Essas formas, no entanto não passavam de corpos aéreos que faziam mover-se e identificar-se com eles, ou de atributos simbólicos de acordo com a missão a seu cargo.” “Seu ser e movimentos não são localizados nem circunscritos a limitado e fixo ponto do Espaço. Desligados integralmente do corpo, não ocupam qualquer espaço no vácuo; mas assim como a nossa alma existe integral no corpo e em cada uma de suas partes, assim também os anjos estão, e quase que simultaneamente, em todos os pontos e partes do mundo. Mais rápidos que o pensamento, podem agir em toda parte num dado momento, operando por si mesmos sem outros obstáculos, senão os da vontade do Criador e os da liberdade humana. Enquanto somos condenados a ver lenta e limitadamente as coisas externas; enquanto as verdades sobrenaturais se nos afiguram enigmas num espelho, na frase de S. Paulo, eles, os anjos, vêem sem esforço o que lhes importa saber, e estão sempre em relação imediata com o objeto de seus pensamentos. Os seus conhecimentos são resultantes não da indução e do raciocínio, mas dessa intuição clara e profunda que abrange de uma só vez o gênero e as espécies deles derivadas, os princípios e as consequências que deles decorrem. A distância das épocas, a diferença de lugares, como a multiplicidade de objetos, confusão alguma podem produzir em seus espíritos.” “Infinita, a essência divina é incompreensível; tem mistérios e profundezas que se não podem penetrar; mas em lhes serem defesos os desígnios particulares da Providência, ela lhos desvenda quando em certas circunstâncias são encarregados de os anunciarem aos homens. As comunicações de Deus com os anjos e destes entre si, não se fazem como entre nós por meio de sons articulados e de sinais sensíveis. As puras inteligências não têm necessidade nem de olhos para ver, nem de ouvidos para ouvir; tampouco possuem órgão vocal para manifestar seus pensamentos. Este instrumento usual de nossas relações é-lhes desnecessário, pois comunicam seus sentimentos de modo só a eles peculiar, isto é, todo espiritual. Basta-lhes querer para se compreenderem. Unicamente Deus conhece o número dos anjos. Este número não é, sem dúvida, infinito, nem pudera sê-lo; porém, segundo os autores sagrados e os santos doutores, é assaz considerável, verdadeiramente prodigioso. Se se pode proporcionar o número de habitantes de uma cidade à sua grandeza e extensão, e sendo a Terra apenas um átomo comparada ao firmamento e às imensas regiões do Espaço, força é concluir que o número dos habitantes do ar e do céu é muito superior ao dos homens. E se a majestade dos reis se ostenta pelo brilhantismo e número dos vassallos, dos oficiais e dos súditos, que haverá de mais próprio a dar-nos idéia da majestade do Rei dos reis do que essa multidão inumerável de anjos que povoam céus e Terra, mar e abismos, a dignidade dos que permanecem continuamente prostrados ou de pé ante seu trono?” “Os padres da Igreja e os teólogos ensinam geralmente que os anjos se dividem em três grandes hierarquias ou principados, e cada hierarquia em três companhias ou coros.” “Os da primeira e mais alta hierarquia designam-se conformemente às funções que exercem no céu: — Os Serafins são assim designados por serem como que abrasados perante Deus pelos ardores da caridade; outros, os Querubins, por isso que refletem luminosamente a divina sabedoria; e finalmente Tronos os que proclamam a grandeza do Criador, cujo brilho fazem resplandecer.” “Os anjos da segunda hierarquia recebem nomes consentâneos com as operações que se lhes atribui no governo geral do Universo, e são: — as Dominações, que determinam aos anjos de classes inferiores suas missões e deveres; as Virtudes, que promovem os prodígios reclamados pelos grandes interesses da Igreja e do gênero humano; e as Potências, que protegem por sua força e vigilância as leis que regem o mundo físico e moral.” “Os da terceira hierarquia têm por missão a direção das sociedades e das pessoas, e são: os Principados, encarregados de reinos, províncias

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo VIII)

e dioceses; os Arcanjos, que transmitem as mensagens de alta importância, e os Anjos de guarda, que acompanham as criaturas a fim de velarem pela sua segurança e santificação.”

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo VIII)

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano

342 – 15/12/2013

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

I. Os anjos segundo a igreja

O Céu e o inferno

91. O Espiritismo não admite manifestação de quaisquer Espíritos, bons ou maus, sem a permissão de Deus, ao passo que a Igreja não cogita disso relativamente aos demônios, que, segundo a sua teoria, se dispensam dessa permissão.

(Primeira Parte, cap. X, item 14.)

92. O Espiritismo diz mais que, havendo essa permissão e correspondendo ao apelo dos vivos, os Espíritos não se põem à disposição destes.

(Primeira Parte, cap. X, item 14.)

93. O Espírito evocado vem voluntariamente, ou é constringido a manifestar-se? Obedecendo à vontade de Deus, isto é, à lei que rege o Universo, ele julga da utilidade ou inutilidade da sua manifestação, o que constitui uma prerrogativa do seu livre-arbítrio. Desse modo, o Espírito evocado pode recusar-se a vir.

(Primeira Parte, cap. X, item 14.)

94. As acusações formuladas pela Igreja contra as evocações não atingem, portanto, o Espiritismo, mas as práticas da magia, com a qual ele nada tem de comum. O Espiritismo condena, tanto quanto a Igreja, as referidas práticas.

(Primeira Parte, cap. X, item 15.)

95. A Igreja não admite entre os anjos, entre as criaturas privilegiadas de Deus, um ser bastante compassivo que venha em socorro das almas transviadas! Para que servem, pois, as brilhantes qualidades que exornam tais seres? Acaso e tão somente para seu gozo pessoal? E serão eles realmente bons, quando, extasiados pelas delícias da contemplação, veem tantas almas no caminho do inferno sem que procurem desviá-las?

(Primeira Parte, cap. X, item 16.)

96. Disse o Cristo: “Não é o homem são que precisa de médico”. Quem se recusaria, pois, mostrar o bom caminho ao descrente que o chamasse? Pois bem: os bons Espíritos fazem o que faríamos. Dirigem-se ao ímpio para dar-lhe bons conselhos. Por isso, em lugar de anatematizar as comunicações do além-túmulo, melhor seria bendizer os decretos do Senhor, admirando-lhe a onipotência e bondade infinitas.

(Primeira Parte, cap. X, item 16.)

97. O que os anjos de guarda, segundo a Igreja, não podem fazer, fazem por si os demônios: servindo-se das comunicações chamadas infernais, reconduzem a Deus aqueles que o renegavam, e ao bem os escravizados ao mal. E esses demônios fazem mais: dão-nos o espetáculo de milhões de homens acreditando em Deus por intercessão da sua potência diabólica, ao passo que a Igreja fora impotente para convertê-los. Homens que jamais oraram, fazem-no hoje com fervor, graças às instruções desses demônios!

(Primeira Parte, cap. X, item 17.)

98. Quantos indivíduos orgulhosos, egoístas e devassos se tornaram humildes, caridosos e recatados? E tudo por obra do diabo! Ele estaria assim prestando melhor serviço e guarda que os próprios anjos! É necessário, porém, fazer uma triste opinião do senso humano dos nossos tempos para crer que os homens aceitem cegamente semelhantes ideias.

(Primeira Parte, cap. X, item 17.)

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo VIII)

99. Não há dúvida de que Jesus é o mensageiro divino enviado aos homens para ensinar-lhes a verdade e, por ela, o bom caminho; mas contai quantos não puderam ouvir-lhe a palavra da verdade, quantos morreram e morrerão sem conhecê-la e quantos, por fim, a conhecem, mas não a praticam.

(Primeira Parte, cap. X, item 18.)

100. Por que então Deus não pode enviar-lhes outros mensageiros, que, baixando a todas as terras, entre grandes e pequenos, ignorantes e sábios, crédulos e céticos, venham ensinar-lhes a verdade e difundir, assim, os ensinamentos contidos no Evangelho? O Espiritismo nos mostra que esses mensageiros têm sido enviados pelo Criador e chegam em hostes inumeráveis, abrindo os olhos aos cegos, convertendo os ímpios, curando os enfermos, consolando os aflitos, tal como fazia Jesus; mas a Igreja os repudia, repelindo o bem que fazem e clamando: São demônios!

(Primeira Parte, cap. X, item 18.)

101. Outra não foi a linguagem dos fariseus relativamente ao Cristo, que, segundo eles diziam, fazia o bem por artes do diabo. A tal acusação, o Nazareno respondeu: “Reconhecei a árvore pelo seu fruto: a má árvore não pode dar bons frutos”.

(Primeira Parte, cap. X, item 18.)

102. A palavra do Cristo só lentamente se propagou e, após dezoito séculos, apenas é conhecida de uma décima parte do gênero humano. (N.R.: Levantamento recente divulgado pelo Vaticano diz que cerca de 33% da população terrena são adeptos do Cristianismo.) É por isso que Deus, em sua misericórdia, envia os Espíritos para confirmá-la, completá-la, difundi-la por todos e em toda a Terra – a santa palavra de Jesus. Eis a causa da rápida propagação dos ensinamentos trazidos pelos Espíritos, que, dirigindo-se ao coração e à razão, são compreendidos com maior facilidade pelos humildes.

(Primeira Parte, cap. X, item 18.)

103. O Espiritismo não atribui frioleiras aos Espíritos superiores. Não. O Espiritismo afirma positivamente o contrário, isto é, que as coisas vulgares são próprias de Espíritos vulgares.

(Primeira Parte, cap. X, item 19.)

104. A Igreja se baseia em Moisés para proibir as evocações. Ora, se a lei de Moisés deve ser tão rigorosamente observada neste particular, força é que o seja em todos os outros – lapidação da adúltera, circuncisão das crianças, o mandamento do olho por olho, dente por dente etc. É preciso ser consequente. Desde que se reconhece que a lei mosaica não está mais de acordo com a nossa época e os nossos costumes, em dados casos, a mesma razão procede para a proibição de que tratamos, cujos motivos se anularam completamente com o decurso do tempo.

(Primeira Parte, cap. XI, item 3.)

II – Refutação

3. O princípio geral resultante dessa doutrina é que os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores à Humanidade, criaturas privilegiadas e votadas à felicidade suprema e eterna desde a sua formação, dotadas, por sua própria natureza, de todas as virtudes e conhecimentos, nada tendo feito, aliás, para adquiri-los. Estão, por assim dizer, no primeiro plano da Criação, contrastando com o último onde a vida é puramente material; e, entre os dois, medianamente existe a Humanidade, isto é, as almas, seres inferiores aos anjos e ligados a corpos materiais. De tal sistema decorrem várias dificuldades capitais: — Em primeiro lugar, que vida é essa puramente material? Será a da matéria bruta? Mas a matéria bruta é inanimada e não tem vida por si mesma. Acaso referir-se-á aos animais e às plantas? Neste suposto seria uma quarta ordem na Criação, pois não se pode negar que no animal inteligente algo há de mais que numa planta, e nesta, que numa simples pedra. Quanto à alma humana, que estabelece a transição, essa fica diretamente unida a um corpo, matéria bruta, aliás; porque sem alma o corpo tem tanta vida como qualquer bloco de terra. Evidentemente, esta divisão é obscura e não se compadece com a observação; assemelha-se à teoria dos quatro elementos, anulada pelos progressos da Ciência. Admitamos, entretanto, estes três termos: — a criatura espiritual, a humana e a corpórea, pois que tal é, dizem, o plano divino, majestoso e completo como convém à Eterna Sabedoria. Notemos antes de tudo que não há ligação alguma necessária entre esses três termos, e que são três criações distintas e formadas sucessivamente, ao passo que em a Natureza tudo se encadeia, mostrando-nos uma lei de unidade admirável, cujos elementos, não passando de transformações entre si, têm, contudo, seus laços de união. Mas essa teoria, incompleta embora, é, até certo ponto, verdadeira, quanto à existência dos três termos: faltam-lhe os pontos de contacto desses termos, como é fácil demonstrar.

4. Diz a Igreja que esses três pontos culminantes da Criação são necessários à harmonia do conjunto. Desde que lhe falte um só que seja, a obra incompleta não mais se compadece com a Sabedoria Eterna. Entretanto, um dos dogmas fundamentais diz que a Terra, os animais, as plantas, o Sol e as estrelas e até a luz foram criados do nada, há seis mil anos. Antes dessa época não havia, portanto, criatura humana nem corpórea — o que importa dizer que no decurso da eternidade a obra divina jazia imperfeita. É artigo de fé capital a criação do Universo, há seis mil anos, tanto que há pouco ainda era a Ciência anatematizada por destruir a cronologia bíblica, provando maior ancianidade da Terra e de seus habitantes. Apesar disso, o concílio de Latrão, concílio ecumênico que faz lei em matéria ortodoxa, diz: “Acreditamos firmemente num Deus único e verdadeiro, eterno e infinito, que no começo dos tempos tirou conjuntamente do nada as duas criaturas — espiritual e corpórea.” Por começo dos tempos só podemos inferir a eternidade transcorrida, visto ser o tempo infinito como o Espaço, sem começo nem fim. Esta expressão, começo dos tempos, é antes uma figura que implica a idéia de uma anterioridade ilimitada. O concílio de Latrão acredita, pois, firmemente, que as criaturas espirituais como as corpóreas foram simultaneamente formadas e tiradas em conjunto do nada, numa época indeterminada, no passado. A que fica reduzido, assim, o texto bíblico que data a Criação de seis mil dos nossos anos? E, ainda que se admita seja tal o começo do Universo visível, esse não é seguramente o começo dos tempos. Em qual crer: — no concílio ou na Bíblia?

5. O concílio formula, além disso, uma estranha proposição: “Nossa alma, diz, igualmente espiritual, é associada ao corpo de maneira a não formar com ele mais que uma pessoa, e tal é, essencialmente, o seu destino.” Ora, se o destino essencial da alma é estar unida ao corpo, esta união constitui o estado normal, o desígnio, o fim, por isso que é o seu destino. Entretanto, a alma é imortal e o corpo não; a união daquela com este só se realiza uma vez, segundo a Igreja, e ainda que durasse um século, nada seria em relação à eternidade. E sendo apenas de algumas horas para muitos, que utilidade teria para a alma união tão efêmera? Mas, que se prolongue essa união tanto quanto se pode prolongar uma existência terrena e, ainda assim, poder-se-á afirmar que o seu destino é estar essencialmente integrada? Não, essa união mais não é na realidade do

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo VIII)

que um incidente, um estágio da alma, nunca o seu estado essencial. Se o destino essencial da alma é estar ligada ao corpo humano; se por sua natureza e segundo o fim providencial da Criação, essa união é necessária às manifestações das suas faculdades, forçoso é concluir que, sem corpo, a alma humana é um ser incompleto. Ora, para que a alma preencha os seus desígnios, deixando um corpo preciso se faz que tome um outro — o que nos conduz à pluralidade forçada das existências, ou, por outra, à reencarnação, à perpetuidade. É verdadeiramente estranhável que um concílio, havido por uma das luzes da Igreja, tenha a tal ponto identificado os seres espiritual e material, de modo a não subsistirem por si mesmos, pois que a condição essencial da sua criação é estarem unidos.

6. O quadro hierárquico dos anjos nos mostra que várias ordens têm, nas suas atribuições, o governo do mundo físico e da Humanidade, para cujo fim foram criados. Mas, segundo a Gênese, o mundo físico e a Humanidade não existem senão há seis mil anos; e o que faziam, pois, tais anjos, anteriormente a essa era, durante a eternidade, quando não existia o objetivo das suas ocupações? E teriam eles sido criados de toda a eternidade? Assim deve ser, uma vez que servem à glorificação do Todo-Poderoso. Mas, criando-os numa época qualquer determinada, Deus ficaria até então, isto é, durante uma eternidade, sem adoradores.

7. Diz ainda o concílio: “Enquanto dura esta união tão íntima da alma com o corpo.” Há, por conseguinte, um momento em que a união se desfaz? Esta proposição contradita a que sustenta a essencialidade dessa união. E diz mais o concílio: “As idéias lhes chegam pelos sentidos, na comparação dos objetos exteriores.” Eis aí uma doutrina filosófica em parte verdadeira, que não em sentido absoluto.

Receber as idéias pelos sentidos é, segundo o eminente teólogo, uma condição inerente à natureza humana; mas ele esquece as idéias inatas, as faculdades por vezes tão transcendentais, a intuição das coisas que a criança traz do berço, não devidas a quaisquer ensinamentos. Por meio de quais sentidos, jovens pastores, naturais calculistas, admiração dos sábios, adquirem idéias necessárias à resolução quase instantânea dos mais complicados problemas? Outro tanto pode dizer-se de músicos, pintores e filólogos precoces. “Os conhecimentos dos anjos não resultam da indução e do raciocínio”; têm-nos porque são anjos, sem necessidade de aprendê-los, pois tais foram por Deus criados: quanto à alma, essa deve aprender. Mas se a alma só recebe as idéias por meio dos órgãos corporais, que idéias pode ter a alma de uma criança morta ao fim de alguns dias, se admitirmos com a Igreja que essa alma não renasce?

8. Aqui reponta uma questão vital, qual a de saber-se se a alma pode adquirir conhecimentos após a morte do corpo. Se uma vez liberta do corpo não pode adquirir novos conhecimentos, a alma da criança, do selvagem, do imbecil, do idiota ou do ignorante permanecera tal qual era no momento da morte, condenada à nulidade por todo o sempre. Mas se, ao contrário, ela adquire novos conhecimentos depois da vida atual, então, é que pode progredir. Sem progresso ulterior para a alma, chega-se a conclusões absurdas, tanto quanto admitindo-o se conclui pela negação de todos os dogmas fundados sobre o estacionamento, a sorte irrevogável, as penas eternas, etc. Progredindo a alma, qual o limite do progresso? Não há razão para não atingir por ele ao grau dos anjos, ou puros Espíritos. Ora, com tal possibilidade não se justificaria a criação de seres especiais e privilegiados, isentos de qualquer labor, gozando incondicionalmente de eterna felicidade, ao passo que outros seres menos favorecidos só obtêm essa felicidade a troco de longos, de cruéis sofrimentos e rudes provas. Sem dúvida que Deus poderia ter assim determinado, mas, admitindo-lhe o infinito de perfeição sem a qual não fora Deus, força é admitir que coisa alguma criaria inutilmente, desmentindo a sua justiça e bondade soberanas.

9. “E se a majestade dos reis ostenta o seu brilhantismo pelo número dos vassallos, oficiais e súditos, que haverá de mais próprio a dar-nos idéia da majestade do Rei dos reis do que essa inumerável multidão de anjos que povoam céu e terra, mar e abismos, a dignidade dos que permanecem continuamente prostrados ou de pé ante seu trono?” E não será rebaixar a

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo VIII)

Divindade confrontá-la com o fausto dos soberanos da Terra? Essa idéia, inculcada no espírito das massas ignorantes, falseia a opinião de sua verdadeira grandeza. Sempre Deus reduzido às mesquinhas proporções da Humanidade! Atribuir-lhe, como necessidade, milhões de adoradores, perenemente genuflexos, é emprestar-lhe vaidade e fraqueza próprias dos orgulhosos déspotas do Oriente! E que é que engrandece os soberanos verdadeiramente grandes? É o número e brilho dos cortesãos? não; é a bondade, é a justiça, é o título merecido de pais do seu povo. Perguntareis se haverá algo de mais próprio a dar-nos a idéia da grandeza e majestade de Deus do que a multidão de anjos que lhe compõem a corte... Mas, certamente que há, e essa coisa melhor é apresentar-se Deus às suas criaturas soberanamente bom, justo e misericordioso, que não colérico, invejoso, vingativo, exterminador e parcial, criando para sua própria glória esses seres privilegiados, cumulados de todos os dons e nascidos para a felicidade eterna, enquanto a outros impõe condições penosas na aquisição de bens, punindo erros momentâneos com eternos suplícios.

10. A respeito da união da alma com o corpo, o Espiritismo professa uma doutrina infinitamente mais espiritualista, para não dizer menos materialista, tendo ao demais a seu favor a conformidade com a observação e o destino da alma. Ele ensina-nos que a alma é independente do corpo, não passando este de temporário invólucro: a espiritualidade é-lhe a essência, e a sua vida normal é a vida espiritual. O corpo é apenas instrumento da alma para exercício das suas faculdades nas relações com o mundo material; separada desse corpo, goza dessas faculdades mais livre e altamente.

11. A união da alma com o corpo, em ser necessária aos seus primeiros progressos, só se opera no período que poderemos classificar como da sua infância e adolescência; atingido, porém, que seja, um certo grau de perfeição e desmaterialização, essa união é prescindível, o progresso faz-se na sua vida de Espírito. Demais, por numerosas que sejam as existências corpóreas, elas são limitadas à existência do corpo, e a sua soma total não compreende, em todos os casos, senão uma parte imperceptível da vida espiritual, que é ilimitada.

Crônicas e Artigos

32 – 25/11/2017

O Consolador – (Eugênia Pickina)

II. Refutação

Anjo guardião, um amigo de prontidão

Um dos principais empecilhos do materialismo reside na presunção de recusar com um olhar enviesado o mundo invisível. Não é, pois, de admirar que seus adeptos, na defensiva, afirmem que seres espirituais, despojados da vida orgânica, sejam produtos da ficção humana, personagens de lendas e alegorias, ignorando um velho ensinamento atribuído ao Cristo no Evangelho de Tomé: “O Reino do Pai está espalhado sobre a Terra e os homens não o vêem.”

Mas, nas suas vidas privadas e públicas, as pessoas de todas as épocas reverenciam a existência de anjos. E por quê?

Faz muito tempo que anjos são registrados como mensageiros luminosos que ajudam os humanos a conciliar o mundo da vida espiritual com o mundo da vida material e cotidiana. Eles estão presentes nos mais variados ritos e religiões. Algumas os anunciam apenas como um Espírito mais iluminado e experiente, outras como encarnação da luz divina, mas, de maneira comum, elas se reportam a seres que são superiores aos encarnados viventes na Terra, intermediários entre o Criador e as criaturas.

A idéia de agentes da Ordem soberana, cujo rol de funções abriga a ação de zelar pelos humanos com vista à sua evolução, é narrada em quase todas as civilizações que passaram na Terra. Há, por exemplo, referências a seres alados em imagens esculpidas na Mesopotâmia que datam 4.500 a.C. Anjos ou seres semelhantes habitam o mundo egípcio, a mitologia grega, o panteão romano, os escritos de Zoroastro, o Hinduísmo, o Islamismo, os textos judaicos, a tradição cristã, o mundo oriental, as florestas tropicais, abrangendo as diferentes regiões da Terra.

A palavra anjo vem do grego áγγελος e significa mensageiro. Este termo foi traduzido do hebraico malaki, no século II a.C., para o grego e é basicamente o mesmo que a palavra mala'ika, o vocábulo usado pelo Islamismo para denominar anjo. Então, embora povos e religiões tratem de maneira distinta os anjos, ambos acreditam que eles são mensageiros e, por isso, dispõem de uma habilidade para mediar a relação entre os humanos e o Criador, à medida que inspiram o ser humano para a prática do bem e do amor, sem considerar outras funções.

A Doutrina Espírita, embora concorde com a crença universal dos povos no que se refere à existência dos anjos, constituiu-se de aspectos singulares revelados a Kardec e por ele desenvolvidos no capítulo VIII, na sua obra O Céu e o Inferno. Dessa forma, após apresentar “Os anjos segundo a Igreja”, o codificador formula sua “Refutação”, demonstrando as principais divergências entre a Igreja Católica e a Revelação Espírita no que toca ao entendimento sobre os anjos. Finalmente, ele faz a abordagem dos anjos segundo o Espiritismo. Neste tópico, ele afirma: Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, não restam dúvidas. A revelação espírita neste ponto confirma a crença de todos os povos, fazendo-nos conhecer ao mesmo tempo a origem e natureza de tais seres. (1)

Kardec prossegue e se ocupa do encargo de esclarecer a origem da alma, nascida ignorante, e os quesitos para que atinja o grau supremo da perfeição, tornando-se um puro Espírito ou anjo: As almas ou Espíritos são criados simples e ignorantes, isto é, sem conhecimentos nem consciência do bem e do mal, porém, aptos para adquirir o que lhes falta. O trabalho é o meio de aquisição, e o fim – que é a perfeição – é para todos o mesmo. Conseguem-no mais ou menos prontamente em virtude do livre arbítrio e na razão direta dos seus esforços; todos têm os mesmos degraus a franquear, o mesmo trabalho a concluir.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo VIII)

Deus não aquinhoa melhor uns do que a outros, porquanto é justo, e, visto serem todos seus filhos, não tem predileções. (2)

Dessa maneira, é possível asseverar que Kardec, em conformidade com os princípios da Doutrina, nega a possibilidade de Deus ter criado seres desde sempre detentores do título de puros e privilegiados. Pelo contrário, tal condição depende do mérito individual adquirido pelo Espírito durante a sua jornada evolutiva rumo à perfeição, que pode ser alcançada de maneira breve ou longa, de acordo com a manifestação de uma vontade firme ou fraca em prol de tal objetivo. Nesse encaixo, ele sustenta:

Os anjos são, pois, as almas dos homens chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, fruindo em sua plenitude a prometida felicidade. Antes, porém, de atingir o grau supremo, gozam de felicidade relativa ao seu adiantamento, felicidade que consiste não na ociosidade, mas nas funções que a Deus apraz confiar-lhes, e por cujo desempenho se sentem ditosas, tendo ainda nele um meio de progresso. (3)

A Doutrina Espírita ratifica a existência dos anjos, crença comum no seio das civilizações da Terra, contudo, inaugura, a seu turno, o princípio da igualdade com que Deus tinge todo Espírito ao criá-lo, uma vez que o abastece das mesmas qualificações para chegar à finalidade inscrita em sua consciência: a suprema perfeição e, por isso, a posição de anjo, agente puro da Providência. Vejamos a ponderação de Kardec:

Realiza-se assim a grande lei de unidade da Criação; Deus nunca esteve inativo e sempre teve puros Espíritos, experimentados e esclarecidos, para transmissão de suas ordens e direção do Universo, desde o governo dos mundos até os mais ínfimos detalhes. Tampouco teve Deus necessidade de criar seres privilegiados, isentos de obrigações; todos, antigos e novos, adquiriram suas posições na luta e por mérito próprio; todos, enfim, são filhos de suas obras. E, desse modo, completa-se com igualdade a soberana justiça do Criador. (4)

Além disso, com o objetivo de elucidar a temática relativa ao anjo guardião, na questão 489 de O Livro dos Espíritos (5), Kardec formula a seguinte questão: “Há Espíritos que se ligam a um indivíduo, em particular, para o proteger?” E obtém a seguinte resposta: “– Sim, o irmão espiritual; é o que chamais o bom espírito ou bom gênio.” Minucioso, na questão seguinte, Kardec inquirir: “Que se deve entender por anjo da guarda?” “– O Espírito protetor de uma ordem elevada.”

O codificador, para evitar ambiguidades, procura também, por meio da pergunta 491, indagar sobre a função do anjo da guarda em relação ao seu tutelado. Desse modo, dispõe de uma resposta que nos explica que o Espírito protetor tem a sublime tarefa de conduzir seu tutelado “pelo bom caminho, ajudá-lo com os seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, sustentar sua coragem nas provas da vida.”

Ainda, da leitura da resposta dada à questão 492 ficamos cientes de que o Espírito protetor é ligado ao indivíduo desde o nascimento até a morte, “e frequentemente o segue depois da morte, na vida espírita, e mesmo através de numerosas existências corpóreas, porque essas existências não são mais do que fases bem curtas na vida do Espírito.”

Ora, enquanto as religiões falam em mensageiros já criados superiores à Humanidade, enquanto a mitologia fala em símbolos, a ciência, de maneira geral, argumenta na base de expressões do subconsciente e do plano imaginal, o espírita pode, na persecução do seu crescimento íntimo, procurar estreitar os laços de afeto com seu anjo guardião, seu fiel amigo para um rico desempenho na sua passagem na Terra.

No espaço da serenidade interior será possível, junto a esse amigo de prontidão, encontrar chaves perdidas e recursos para o aprendizado do ser e do conviver. Caso haja o cultivo dessa

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo VIII)

relação de atenção e de amizade, as boas instruções poderão surgir em sonhos, na meditação, durante a prece e em tantas outras situações da existência, que têm como meta a desenvoltura das virtudes e do exercício do bem, segundo uma boa arte de viver, que solicita vontade, discernimento, alegria e esperança. Ora, Deus, nosso Pai, nos concedeu um Espírito protetor para que o nosso florescimento evolutivo fosse bem orientado – saibamos, portanto, desfrutar desse precioso auxílio em todas as horas: nas difíceis e nas serenas, pois o anjo guardião está sempre ao nosso lado.

Bibliografia:

- (1) **Kardec** Allan, O céu e o inferno, (exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual), (p. 112.)
- (2) Op. cit., p. 113.
- (3) Op. cit., p. 113.
- (4) Op. cit., p. 114.
- (5) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (p. 215.)

III – Os anjos segundo o Espiritismo

12. Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, não restam dúvidas. A revelação espírita neste ponto confirma a crença de todos os povos, fazendo-nos conhecer ao mesmo tempo a origem e natureza de tais seres. As almas ou Espíritos são criados simples e ignorantes, isto é, sem conhecimentos nem consciência do bem e do mal, porém, aptos para adquirir o que lhes falta. O trabalho é o meio de aquisição, e o fim — que é a perfeição — é para todos o mesmo. Conseguem-no mais ou menos prontamente em virtude do livre-arbítrio e na razão direta dos seus esforços; todos têm os mesmos degraus a franquear, o mesmo trabalho a concluir. Deus não aquinhua melhor a uns do que a outros, porquanto é justo, e, visto serem todos seus filhos, não tem predileções. Ele lhes diz: Eis a lei que deve constituir a vossa norma de conduta; ela só pode levar-vos ao fim; tudo que lhe for conforme é o bem; tudo que lhe for contrário é o mal. Tendes inteira liberdade de observar ou infringir esta lei, e assim sereis os árbitros da vossa própria sorte. Consequentemente, Deus não criou o mal; todas as suas leis são para o bem, e foi o homem que criou esse mal, divorciando-se dessas leis; se ele as observasse escrupulosamente, jamais se desviaria do bom caminho.

13. Entretanto, a alma, qual criança, é inexperiente nas primeiras fases da existência, e daí o ser falível. Não lhe dá Deus essa experiência, mas dá-lhe meios de adquiri-la. Assim, um passo em falso na senda do mal é um atraso para a alma, que, sofrendo-lhe as consequências, aprende à sua custa o que importa evitar. Deste modo, pouco a pouco, se desenvolve, aperfeiçoa e adianta na hierarquia espiritual até ao estado de puro Espírito ou anjo. Os anjos são, pois, as almas dos homens chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, fruindo em sua plenitude a prometida felicidade. Antes, porém, de atingir o grau supremo, gozam de felicidade relativa ao seu adiantamento, felicidade que consiste, não na ociosidade, mas nas funções que a Deus apraz confiar-lhes, e por cujo desempenho se sentem ditosas, tendo ainda nele um meio de progresso. (Vede 1ª Parte, cap. III, “O céu”.)

14. A Humanidade não se limita à Terra; habita inúmeros mundos que no Espaço circulam; já habitou os desaparecidos, e habitará os que se formarem. Tendo-a criado de toda a eternidade, Deus jamais cessa de criá-la. Muito antes que a Terra existisse e por mais remota que a suponhamos, outros mundos, havia, nos quais Espíritos encarnados percorreram as mesmas fases que ora percorrem os de mais recente formação, atingindo seu fim antes mesmo que houvéramos saído das mãos do Criador. De toda a eternidade tem havido, pois, puros Espíritos ou anjos; mas, como a sua existência humana se passou num infinito passado, eis que os supomos como se tivessem sido sempre anjos de todos os tempos.

15. Realiza-se assim a grande lei de unidade da Criação; Deus nunca esteve inativo e sempre teve puros Espíritos, experimentados e esclarecidos, para transmissão de suas ordens e direção do Universo, desde o governo dos mundos até os mais ínfimos detalhes. Tampouco teve Deus necessidade de criar seres privilegiados, isentos de obrigações; todos, antigos e novos, adquiriram suas posições na luta e por mérito próprio; todos, enfim, são filhos de suas obras. E, desse modo, completa-se com igualdade a soberana justiça do Criador.

Amigos a toda prova

“A doutrina dos anjos da guarda velando pelos protegidos é grande e sublime.” - Allan Kardec (*)

O tema sobre os anjos da guarda é tratado por Allan Kardec no capítulo IX de O Livro dos Espíritos, numa série de perguntas feitas aos Espíritos que trabalharam com ele na estruturação da Doutrina Espírita. Esse estudo é enriquecido, no mesmo capítulo, por uma comunicação assinada pelos Espíritos São Luís e Santo Agostinho, texto esse publicado posteriormente na Revista Espírita, janeiro de 1859.

É sobre esse ditado que quero tecer alguns comentários. Nele, os dois Espíritos colaboradores de Kardec aconselham os homens a conhecerem melhor esse recurso que a misericórdia divina pôs ao lado de cada ser humano: a companhia e as orientações do anjo da guarda.

Todos têm um desses amigos dedicados, prontos para ajudar “a escalar a montanha escarpada do bem”. Espíritos de ordem elevada, os guardiões recebem a missão de Deus, “bela, mas penosa missão” de acompanhar os seus tutelados desde o nascimento até a morte, com intuito de fazê-los progredir. Inspiram-nos, procurando influenciá-los no bem, num contato permanente. Assim como os pais devotados aos filhos, os guardiões alegram-se com os avanços dos seus protegidos e lamentam-lhes os desvios provocados, muitas vezes, pela influência de Espíritos inferiores com que se comparam.

S. Luís e Santo Agostinho falam com o coração e sugerem aos homens socorrerem-se da “voz amiga”, nos momentos de crise e dúvida, procurando escutar com a alma; que se compenetrem dessa verdade e se esforcem por evitar comprometimentos irresponsáveis durante a vida, buscando consultá-los com o auxílio da prece, sempre que pressentirem fraqueza moral. Os anjos da guarda responderão sempre aos apelos sinceros, pois é do seu total interesse o progresso dos seus protegidos.

Os conselhos de Santo Agostinho e S. Luís traduzem a beleza dessa relação amigável que estabelece uma “terna intimidade” entre os anjos guardiões e os encarnados, a mesma que deve existir entre os melhores amigos. Garantem eles que esses Espíritos não se sentirão importunados por serem solicitados sempre que preciso.

A doutrina dos anjos da guarda é real, e mostra que cada pessoa encarnada tem um amigo a toda prova que, em nome de Deus, se preocupa com ela. Conhecer essa realidade a estimula na superação das provas e não a deixa pensar que está sem amparo, sozinha na Terra.

(*) O Livro dos Espíritos, “Anjos da guarda, Espíritos protetores, familiares ou simpáticos”, (Cap. IX.)

Espíritos protetores

Os anjos são seres que percorreram todos os graus da evolução

1. Para se entender o que representam os “anjos da guarda” ou os “protetores espirituais” em nossa vida, é preciso em primeiro lugar rememorar o significado da palavra anjo. Como já vimos, de acordo com o Espiritismo aqueles a quem chamamos anjos são criaturas de Deus que já percorreram todos os graus da evolução. Uns – revela a questão nº 129 d’O Livro dos Espíritos – aceitaram sua missão sem murmurar e chegaram mais depressa ao seu destino; outros levaram mais tempo.

2. As religiões, em sua grande maioria, senão na totalidade, falam de anjos e, conquanto lhes deem nomes diversos, situam-nos em uma posição superior com relação à Humanidade. Os anjos seriam, para quase todas elas, intermediários entre Deus e os homens, uma ideia evidentemente negada pelos materialistas, que não admitem nada além da matéria e, por isso, põem os anjos entre as ficções e alegorias que seduzem o ser humano.

3. Segundo a Doutrina Espírita, a alma é criada simples e ignorante, e pouco a pouco se desenvolve, se aperfeiçoa e se adianta na hierarquia espiritual, até atingir o estado de **Espírito puro** ou **anjo**. Os anjos nada mais são, portanto, que as almas dos homens chegados ao grau de perfeição acessível à criatura humana.

4. Como a Humanidade não se limita à Terra, antes mesmo da formação do nosso planeta já existiam Espíritos que, havendo percorrido as numerosas etapas da evolução, atingiram a condição de Espíritos puros. Como as suas existências corpóreas se passaram noutra época, bastante longínqua, é evidente que, ao conhecê-los, o homem supôs que tais seres tivessem sido criados assim, já perfeitos, desde o começo.

A missão do protetor espiritual é como a de um bom pai

5. As entidades espirituais designadas pelos nomes de “anjo da guarda”, “anjo guardião” ou “protetor espiritual” nada têm, contudo, que ver com os anjos propriamente ditos. Os protetores espirituais, que Deus concede a cada uma de suas criaturas, são Espíritos como nós mesmos, ainda no caminho da evolução, e não Espíritos puros, chegados ao ápice da evolução, embora muitos protetores espirituais sejam Espíritos de alta envergadura moral.

6. Existem diferenças entre “protetor espiritual”, Espírito familiar e Espírito simpático. Os Espíritos familiares são os que se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis com o fim de lhes serem úteis, dentro dos limites do poder de que dispõem. Podem ser bons, porém muitas vezes são pouco adiantados e, por isso, se ocupam com as particularidades da vida íntima das pessoas, só atuando por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores.

7. Os Espíritos simpáticos são os que se sentem atraídos para o nosso lado por afeições particulares e também por uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem quanto para o mal.

8. Espírito protetor, anjo da guarda ou bom gênio é o Espírito que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É ele sempre de natureza superior com relação ao seu protegido. Sua missão é como a de um pai com relação ao filho: guiá-lo pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo em suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo VIII)

vida. O protetor espiritual dedica-se ao seu protegido desde o seu nascimento até a morte, e muitas vezes o acompanha na vida espiritual, depois de sua desencarnação.

9. Aos que pensam que é impossível a Espíritos verdadeiramente elevados se restringirem a uma tarefa tão laboriosa, e de todos os instantes, dizem os instrutores espirituais que eles influenciam nossas almas estando, às vezes, a milhões de léguas de distância, porquanto para eles o espaço não existe e, mesmo vivendo em outro mundo, eles podem conservar ligação conosco. Cada anjo da guarda tem, pois, o seu protegido e vela por ele, como um pai vela pelo filho, sentindo-se feliz quando o vê no bom caminho ou triste quando seus conselhos são desprezados.

Todos os homens ligados à Terra têm o seu protetor espiritual

10. Uma vez que aceitou tal tarefa, o protetor espiritual se obriga a velar por seu protegido. Evidentemente, antes de assumi-la, pode ele escolher, como protegido, um ser que lhe seja simpático. Assim é que, enquanto para uns a missão que lhes compete é um prazer, para outros constitui tão-somente um dever. O protetor espiritual não fica, porém, constantemente ao lado do seu protegido, pois há circunstâncias em que a sua presença não é necessária. Quando vê que seus conselhos são inúteis, ele pode afastar-se, mas jamais abandona por completo seu protegido, buscando sempre fazer-se ouvir. E voltará, com certeza, para junto de seu protegido, desde que este o chame.

11. Se, porém, no curso de sua missão, ele precisar afastar-se para cumprir outras tarefas, incompatíveis com aquela, será substituído por outro Espírito, de tal maneira que ninguém, em momento algum, fica desprovido de proteção espiritual, exceto quando a criatura pode guiar-se por si mesma, caso em que não mais terá necessidade de anjo da guarda; mas isso – informa a questão nº500 d’O Livro dos Espíritos – não acontece na Terra.

12. A ação dos Espíritos que nos querem bem é sempre regulada de maneira a nos deixar o livre-arbítrio. É a sabedoria de Deus que assim o exige, porquanto se não tivéssemos responsabilidade não nos adiantaríamos na senda que deve conduzir-nos ao Criador.

13. O protetor espiritual, como vimos anteriormente, sente-se feliz quando vê os seus cuidados coroados de sucesso. Conseguir tal façanha é para ele um triunfo, como um preceptor triunfa com os sucessos do seu discípulo. Mas ele sofre com os erros de seu protegido, e os lamenta, embora sua aflição nada tenha das angústias da paternidade terrena, visto que sabe que há remédio para o mal e que o que hoje não se fez amanhã se fará.

14. Concluindo, podemos assegurar, com base no que ensina o Espiritismo, que cada homem, mesmo o selvagem, tem um Espírito que vela por ele, e o mesmo se dá com as sociedades, as cidades e as nações, as quais têm Espíritos protetores especiais, porque marcham para um objetivo comum e têm necessidade de uma direção superior.